

EDITORIAL

Esta edição da Contrapontos enfatiza a produção de artigos que tiveram como objeto central a discussão de **Epistemologias e Práticas de Formação e de Pesquisa**. Apresentaremos oito trabalhos distintos que de uma maneira ou de outra apontam epistemologias e práticas como eixo para cada um dos artigos desta edição.

No primeiro artigo, por exemplo, intitulado como “Experiência, diálogo e indagação: a formação docente como experiência filosófica”, os autores **Sampaio, Ribeiro e Helal** propõem a possibilidade de processos formativo-investigativos a partir da experiência de diferentes grupos da educação básica e superior, como prática a ser incluída na formação de docentes.

Já no segundo artigo, os autores tratam de epistemologias e práticas curriculares com elementos de *inclusividade*, a partir de uma análise da cultura escolar. **Mesquita e Rocha** apresentam algumas reflexões sobre engessamentos oriundas da cultura das escolas e trazem outros elementos que possibilitam avançar nesse campo tão tenso e contraditório, tanto nos processos de formação e como também de pesquisas.

No terceiro artigo, Pillar aborda a problemática da visualidade contemporânea, enfocando a interação de linguagens presente em desenhos animados exibidos na mídia televisiva, explorando seus impactos nos processos de formação. A utilização de diferentes linguagens, simultaneamente, caracteriza esse produto midiático como um texto sincrético, no qual as linguagens (visual, verbal e sonora) interagem na constituição de uma significação, aspecto a ser levado em conta nas discussões contemporâneas sobre ensino da arte e infância.

Bolzan e Millani apresentam reflexões sobre a formação docente no contexto da alfabetização. Os resultados da pesquisa das autoras apontam que a reflexão e o trabalho compartilhados constituem aspectos fundamentais na formação de docentes alfabetizadores. Apontam a escola como lugar de possibilidades em relação à formação docente, espaço no qual os professores podem se reconhecer e ser reconhecidos como produtores de conhecimento.

No quinto artigo, **Fávero e Pasinato** apresentam argumentos epistemológicos e práticos para o docente universitário como profissional pesquisador de sua própria prática. O artigo aborda a necessidade de se repensar processos pedagógicos e de formação, ressaltando a urgência para que os processos de formação do professor pesquisador ocorram para além dos programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Já no sexto capítulo, ainda em relação ao ensino superior, **Royert e Felicetti** apresentam preocupações em relação aos processos avaliativos da aprendizagem. Defendem a adoção de práticas avaliativas contínuas e variadas. Assim, os resultados de suas pesquisas mostraram que os alunos gostariam de ser avaliados de acordo com suas maneiras próprias de aprender ou de acordo com seus estilos de aprendizagem, promovendo o pensamento criativo, reflexivo, crítico e complexo, para que ele atinja uma aprendizagem para a vida.

Longarezi e Silva, no artigo intitulado “Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política”, enfatizam a pesquisa como prática reflexiva, crítica e transformadora da realidade social, discutindo algumas características teórico-metodológicas da pesquisa-ação, colaborativa, participante e coletiva, tendo em vista compreender a natureza formativa dos processos desencadeados por meio de cada uma delas. Apontam para a dimensão político-ideológica que caracteriza essas pesquisas para além de um processo descritivo e analítico dos contextos sociais.

Ainda que numa linha histórica, o penúltimo artigo foca nos aspectos epistemológicos e práticos de escolarização com base em *time and learning* do modelo de *Ratio Studiorum* do século XVI para o século XIX. **Pruneri** foca nas relações entre educação e organização do tempo escolar baseado em seus aspectos epistemológicos, metodológicos e históricos, aspectos cruciais da história do mundo ocidental. O autor considera que o estudo em relação à organização do tempo escolar permanece como uma lacuna na história da educação.

Fechando esta edição, **Pavan** problematiza sobre o currículo, a construção das identidades de gênero e a formação de professores. A autora faz uma reflexão sobre essas três categorias, articulando-as com a produção das identidades de gênero na educação básica e na formação de professores. Para a autora, a formação inicial e a formação continuada constituem contextos significativos para o entendimento de que as identidades de gênero são construídas histórica e culturalmente pelas relações sociais de poder e que, portanto, podem ser ressignificadas.

A Comissão Editorial